

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
1.º VOLUME

◆
*A PROMESSA
O BAILARINO
A EXCOMUNGADA
O LUGRE
O CRIME DE ALDEIA VELHA*

◆
ORGANIZAÇÃO, POSFÁCIO E NOTAS
DE LUIS FRANCISCO REBILLO

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
1.º VOLUME

Título: Obras Completas — 1.º volume

Autor: Bernardo Santareno

Capa: Delgado Godinho

Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho

**Revisão tipográfica: Secção de Revisão
da Editorial Caminho**

**© Bernardo Santareno e Editorial Caminho, SARL
Lisboa, 1984**

N.º de edição: 60/84

Tiragem: 3000 exemplares

Composição e impressão: Guide - Artes Gráficas, Lda.

Data de impressão: Dezembro de 1984

Depósito Legal n.º 6563/84

BERNARDO SANTARENO

OBRAS COMPLETAS
1.º VOLUME



*A PROMESSA
O BAILARINO
A EXCOMUNGADA
O LUGRE
O CRIME DE ALDEIA VELHA*



*Organização, posfácio e notas
de Luís Francisco Rebello*

**editorial
CAMINHO**

Personagens

A EXCOMUNGADA

Peça em três actos
e um epílogo

1.^a edição, 1957, no volume *Teatro*, ed. do autor, juntamente com *A Promessa e O Bailarino*.

O 1.º acto desta peça, que constituía a sua versão original, foi publicado em 1961, sob o título *Irmã Natividade*, juntamente com *O Pecado de João Agonia* (ed. Divulgação) e reeditado em 1969 com a mesma peça (Ática); transmitida pela RTP em 14 de Março de 1977, numa realização de Oliveira e Costa, interpretada por Fernanda Alves, Josefina Silva, Maria Amélia Mata e Maria de Jesus Aranda.

Primeiros Personagens

IRMÃ NATIVIDADE — MARIA DA LUZ
MADRE SUPERIORA
ROSÁRIA
IRMÃ TRINDADE
IRMÃ ANGÉLICA
CASIMIRA
ARMINDA
CUSTÓDIA
CHICO
LUÍS
ESTEVES

Época: actualidade

Primeiro acto

O quarto-cela da Madre Superiora num convento-clausura de freiras contemplativas. Paredes e tecto brancos, caiados. Sobrado de tábuas muito limpas, sem tapetes. Na parede do fundo, um Cristo crucificado, de marfim, com cruz de madeira negra. À esquerda central, uma porta. Uma cama de ferro, muito pobre, com coberturas brancas. Mesa-de-cabeceira, na qual se vêem vários frascos de medicamentos. Uma estante-prateleira, cheia de livros, na parede da direita, por cima da cabeceira da cama (esta vista de perfil pelo espectador). Numa mesa, ao fundo, vários livros e uma jarra com rosas brancas. No ângulo fundo-direita, um pequeno armário de pinho, pintado, como a mesa. Em local adequado, uma cortina esconde um lava-tório. Ao subir o pano, a Madre Superiora está metida na cama, meio sentada, recostada sobre várias almofadas. Tem o hábito vestido. Hábitos brancos.

Cena I

IRMÃ TRINDADE (*quarenta anos, magra, alta; violência ardente nos olhos, no fundo dos quais, através duma cortina de neve, as chamas ardem alto. Um todo de dureza conquistada, luminosa. Linguagem quase sempre em afirmativas incisivas, breves: vontade que mede, que coa tudo. Distinção, nobreza marmórea, realçadas pela presença das outras religiosas. Quando sobe o pano, lava as mãos da Madre Superiora,*

servindo-se duma pequena bacia): Não está muito quente a água, pois não, Madre?

MADRE (*setenta anos, ligeira obesidade; natureza bondosa, certa, por vezes simpaticamente rude, ainda misturada com o sol dos campos onde nasceu. No sobrenatural, caminhou de grau a grau: hierarquia, ordem, equilíbrio, estabilidade. Mãe: sempre mãe segura e justa. Sensível, afectiva, impetuosa: tudo harmonizado na graça de Deus*): Está bem, Irmã Trindade, está bem... Deus lhe pague! (*Irmã Trindade vai colocar a bacia no lavatório. Volta com uma toalha e procura enxugar as mãos da Madre.*) Ai, Irmã! Que dor! Perdoe... mas realmente hoje sofro tanto! Ao mais pequeno movimento... Ai!... Ao mais pequeno... Assim... Agora estou melhor... muito melhor! (*Mudando.*) Está tudo pronto para a missa da meia-noite?

IRMÃ TRINDADE: Tudo como indicou, Madre. (*Vai pôr a toalha no lavatório.*)

MADRE (*sorriso bom, infantil*): Ainda bem, ainda bem... (*Entusiasmo.*) Jesus Menino vai nascer: ai, Irmã Trindade, que alegria! (*Dorida.*) O ano passado... levaram-me naquela cadeira... (*Indica uma cadeira de rodas.*) Lembra-se? Que felicidade! Hoje, não posso... E daí, talvez?...

IRMÃ TRINDADE: Não, Madre, não pode ir ao coro: (*com autoridade, carinhosa*) vai ficar aqui, muito quietinha. Amanhã, sim, é possível... com todo o cuidado; mas mesmo que não consiga, receberá aqui Nosso Senhor.

MADRE: Tanto que eu gostava de ouvir a missa do Natal! Está linda a nossa capela? Flores brancas, não é? Quero tudo, tudo branco! Irmã Trindade, leve também aquelas, peço-lhe: (*indica as flores da jarra*) hoje, é tudo para Nosso Senhor! tudo... (*Esforço para levantar o tronco.*) Jesus Menino vem aí! O Salvador do mundo... feito uma criancinha! (*Com dores, deixando-se cair.*) Ai!

IRMÃ TRINDADE (*profunda, os olhos incendiados, interioridade consumptiva*): O Verbo Divino feito homem!

MADRE (*a sofrer*): Tanta dorzinha que Tu me dás hoje, meu Jesus! (*Sorrindo.*) Olhe, Irmã Trindade, sabe uma coisa? Se eu não fosse tão egoísta, tão terrena, tão imperfeita... (*gesto da Irmã Trindade*) sim, muito imperfeita, muito pegada — ainda! — às alegrias deste mundo! (*Continuando.*) Se eu fosse mais de Deus, mais do Céu, eu estaria para aqui calada que nem um rato e contente... Contente, Irmã Trin-

dade! (*Entusiasmo.*) Então não é honra, glória, felicidade... poder estar hoje, nesta hora! assim cravadinha de dores? (*Rezando.*) Perdoa-me, minha Nossa Senhora, eu não sei, ainda não sei, apreciar as tuas graças! (*Para Irmã Trindade.*) Pronto, Irmã Trindade: eu nem sequer experimentarei. Fico, ficarei aqui... (*Para Nossa Senhora.*) Unida a ti, Virgem Maria, na hora bendita em que sofres as dores do parto... Ai, Irmã Trindade, vê como Deus é bom? Como poderia eu colaborar mais intimamente no Mistério da Natividade? Como?!

IRMÃ TRINDADE: Tem razão, Madre: no seu sofrimento, hoje, sente-se a sombra d'Aquele Espírito Divino que cobriu Nossa Senhora!

MADRE: É como diz, Irmã Trindade, é assim... (*Com admiração.*) Como Deus lhe alargou o entendimento, Irmã, que profundidades há em si! (*A brincar, humilde.*) A Irmã Trindade vive lá em cima, no monte das neves eternas: que lhe pareço eu, vista lá do alto? Eu, por aqui, sempre pegada às flores, ao verde dos nossos campos, aos pássaros... Ai, Irmã, as avezinhas do céu!... Pareço-lhe uma porquita, Irmã Trindade, uma porquita gorda e velha: pega aqui... toca acolá... sempre de nariz baixo, bem pegado à terra!

IRMÃ TRINDADE (*rindo*): Quem me dera a sua clari-
dade, Madre: que luz tão boa, tão quente, vem de si!

MADRE (*gemendo*): Ai! Irmã Trindade, ajude-me, ponha-me esta almofada mais para cima! (*Irmã Trindade executa. Grito de dor.*) Ai, não, assim não! Pronto... está bem... obrigada! (*Mudando.*) Vê? Aqui tem: ainda não sei sofrer! Lembrar-me eu que nesta hora, agora! a Virgem grita estes mesmos «ais!», que da sua fronte imaculada goteja o mesmo suor que enche a minha velha e suja cara! (*Num ímpeto, atira uma das almofadas para o chão, a querer sofrer: dor viva.*) Ai! Meu Deus, meu Deus! Aqui estou, Senhora!... Assim... Ai!... Juntas O daremos ao mundo... juntas! Ai!

IRMÃ TRINDADE (*coloca de novo a almofada*): Então, Madre, então!? Está bem assim?... Mais acima? (*Gesto de assentimento da Madre.*) Em primeiro lugar, Madre, Deus pede-lhe que conserve o equilíbrio, a ordem, dentro de si, para poder ser a mãe justa, serena e boa, das religiosas deste convento: não somos, todas nós, as suas filhas espirituais? Não recebeu do Senhor, através da Sua Igreja, o mandato de Superiora deste convento? Para cumprir, como até aqui — tão